

Escola mostra como educar pode ser uma brincadeira

Imagine um livro bem diferente, feito de feltro, e cujas páginas ensinam às crianças como amarrar cadarços, abotoar camisas, fechar zíper e abrir colchões? Essas e outras idéias fazem parte do acervo da 1ª Mostra de Material de Ensino e Aprendizagem, promovida por professores das escolas públicas, que permanecerá na Escola Normal (907 Sul) até a próxima segunda-feira. A exposição inicia um projeto de integração entre as várias oficinas pedagógicas do Distrito Federal.

Atualmente, apenas alguns colégios de São Paulo executam trabalho semelhante, mas a iniciativa surgiu, em 85, em Taguatinga por intermédio de dois professores da Fundação Educacional. Depois de três anos de tentativas, o projeto "Faça Você Mesmo" tornou-se oficial. Isso, contudo, não muda muito a estrutura das oficinas, que funcionam graças ao esforço descomunal de alguns mestres. "Precisamos de uma verba fixa para dar continuidade aos programas", comenta a coordenadora do Núcleo de Tecnologia Educacional, Zilda Maria Garcia.

IMAGINAÇÃO

Como não recebem qualquer espécie de recursos, os professores partem em busca de alternativas: pedem sobras de materiais em gráficas, marcenarias e lojas de tintas, para só então prepararem os jogos, todos feitos com sucata. Quando a tentativa não dava certo, eles promovem rifas, festinhas e bingos.

"Temos que usar a imaginação para evitar o fim das oficinas", assegura a coordenadora. Ela acredita que se fosse feita uma campanha especial junto aos empresários da cidade, as dificuldades diminuiriam. "Estamos dispostos a levar essa ideia adiante, pois é bem mais razoável que sair por ai mendigando", completou.

Com as "migalhas" que recebem aqui e ali, os grupos conseguem produzir verdadeiras obras de arte. Bem mais úteis que os parcisos materiais comprados pela

Fundação Educacional, que quase nunca são utilizados pelos alunos, por não terem muita relação com os conteúdos programáticos. "Quando o próprio professor executa o brinquedo pedagógico, ele tem mais utilidade". Sem falar que saem bem mais baratos e não estragam facilmente, pois são feitos com produtos resistentes.

Os projetos desenvolvidos pelas oficinas foram tão bem aceitos que algumas escolas particulares já querem comprar a ideia. O professor Sérgio Lopes, da Ceilândia, se mostra bem mais interessado em ampliar o leque de idéias na própria FEDF, criando cursos de aperfeiçoamento de mestres que, geralmente, não têm conhecimentos técnicos sobre a feitura dos equipamentos: "Não temos a técnica para fazer materiais alternativos. Fazemos as coisas aleatoriamente. Se tivéssemos uma especialização, seria ideal".

O mais importante, segundo a professora Sandra Salomão, de Planaltina, é deixar claro que os professores não apenas prepa-

ram o material, mas também mostram às crianças a forma como devem ser usados. Ela lamenta que as 10 oficinas do DF funcionem tão precariamente: "Um trabalho tão fantástico quanto este, não pode ser relegado a segundo plano", adverte. Celma Nogueira, de Brazlândia, completa: "Fizemos alguns brinquedos com caixas de maçãs conseguidas numa feira. Ficaram perfeitos. Imaginem, então, se tivéssemos mais recursos! Esperamos que a nova secretaria de Educação tenha interesse em nos ajudar.

Com o sucesso da mostra, os professores acreditam que finalmente as oficinas receberão o devido apoio do GDF. Eles reclamam que mais de 80 por cento dos materiais comprados pela Fundação estão estocados em porões, como retroprojetores que há vários anos não são utilizados. "Estão dando justamente uma alternativa para o Governo. Com simples sucatas confeccionamos jogos pedagógicos muito mais eficazes", acrescentou a professora Irene Pedreira, do Guará.